

## NOTAS SOBRE “ANTROPOLOGIA DO CIBORGUE: AS VERTIGENS DO PÓS-HUMANO”

Tuany Alves<sup>1</sup>  
Gislaine Silva<sup>2</sup>

### Resumo:

Esta resenha tem como objetivo nos fazer questionar e repensar a forma como vemos a interação entre máquinas e humanos e também as fronteiras que nos separam. O livro *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano* traz pontos importantes que vão além da discussão sobre o mito do ciborgue. Assim como os autores, fazemos um convite aos leitores para explorarem as implicações sociais, culturais e sociopolíticas imbricadas no contexto tecnocientífico.

**Palavras-chave:** Ciência, feminismo e sociologia

### Abstract:

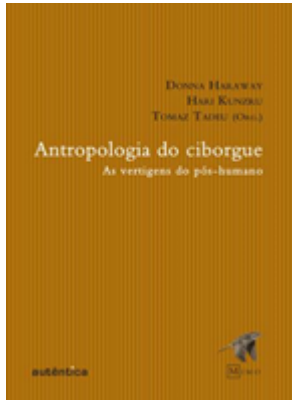
This review aims to make us question and rethink the way we see the interaction between machines and humans and also the boundaries that separate us. The book *Anthropology of the Cyborg: The Vertigo of the Post-Human* brings important points that go beyond discussing the cyborg myth. Just like the authors, we invite the readers to explore the social, cultural and sociopolitical implications associated in technoscientific context.

**Keywords:** Science, feminism and sociology.

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo e pós-graduada em Jornalismo em Ambientes Digitais pelo Uni-BH e pós-graduada em Comunicação Pública da Ciência na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [tuanyalves04@gmail.com](mailto:tuanyalves04@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São João del Rei e pós-graduada em Comunicação Pública da Ciência na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [gislainesilva.bio@gmail.com](mailto:gislainesilva.bio@gmail.com).

**DADOS DA OBRA****Donna Haraway; Hari Kunzru; Tomaz Tadeu****Autêntica Editora (2009, Mimo)****129 páginas****ISBN 978-85-7526-395-2****Por Tuany Alves e Gislane Silva**

Super-herói, supervilão, super-homem, assim é, normalmente, retratado o ciborgue, organismo cibernético constituído de carne e metal. Impregnados na nossa ficção científica e imaginário contemporâneo essas criaturas habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados. Porém, seriam eles quimeras da ficção cyberpunk ou uma realidade social?

Em entrevista, o fundador do Tesla Motors, Elon Musk, já afirmou que os seres humanos devem tornar-se ciborgues se quiserem permanecer relevantes em um futuro dominado pela inteligência artificial. Contudo, o que é ser um ciborgue em um mundo pós-moderno? Temos como separar o natural do artificial? Será que a substituição de peças orgânicas por fios e fibras dão conta da complexidade dessa relação?

Essas são algumas das perguntas que nós nos fizemos ao ler o livro *Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano*'. Disponibilizado pela Autêntica Editora, o livro foi organizado e traduzido por Tomaz Tadeu, que – segundo ele, apesar de nunca ter se dado bem com a escola – fez carreira como teórico da educação e do currículo. Dividido em quatro ensaios, o livro aborda as diversas nuances do que é ser um ciborgue, trazendo

a tradução do aclamado ‘Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX’ da bióloga e filósofa Donna Haraway. Contudo, mais que uma tradução, o texto acabou sendo um fio condutor para o livro, em que os outros artigos acabam complementando e ajudando a entendê-lo melhor, o que é uma escolha plausível visto a, já conhecida, dificuldade dos textos de Haraway.

Nesse sentido, os dois primeiros textos buscam munir o leitor com contextos e informações sobre o manifesto, publicado pela primeira vez em 1985 na *Socialist Review*, abordando seus principais pontos. Por exemplo, o primeiro, intitulado “Nós ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano”, produzido pelo organizador do livro Tomaz Tadeu, age como um prefácio, necessário, para chamar a atenção para a desconstrução do sujeito e da subjetividade racional, tema retomado de forma mais metafórica no ensaio de Haraway.

Para isso, Tadeu lista Marx, Freud, Nietzsche, Heidegger, revisões de Lacan e de Althusser, além de mencionar os pós-estruturalistas, como Foucault, Deleuze, Derrida, Lyotard, e os estudos feministas, culturais de raça e etnia, montando assim um repertório teórico completo para nos convidar a observar e a refletir sobre a demolição do sujeito cartesiano e da subjetividade racional. Sua ideia é que ao reunir essas teorias consiga mostrar que não existe sujeito ou subjetividade fora da cultura, ou seja, sem história, linguagem e relações de poder.

O autor também nos instiga a pensar onde terminaria o ser humano e começaria a máquina – ou, dada a ubiquidade das tecnologias, onde termina a máquina e onde começa o humano – colocando em debate o entrelaçamento dessas fronteiras. Para ele, “não existe nada mais que seja simplesmente “puro” em qualquer dos lados da linha de “divisão”: a ciência, a tecnologia, a natureza.” (TADEU, 2009, p.11). Estas especificidades, nos

introduz ao debate e acaba nos fazendo refletir sobre a conexão entre os corpos, levando à pergunta: não seríamos todos, de alguma forma, ciborgues?

Pergunta respondida logo em seguida no segundo texto. Escrito pelo jornalista e romancista britânico Hari Kunzru, o ensaio é uma entrevista que ele realizou com a própria Donna Haraway. Nele Kunzru explica que quando Haraway diz que é uma ciborgue, ela não está dizendo que é especial, só que as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima com as tecnologias que não é mais possível dizer onde uma acaba e outra começa, uma vez que percebemos que uma ida à academia, ao supermercado, ou a compra de uma roupa, não existiria da mesma forma sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance.

Com isso, o texto acaba trazendo mais profundidade à preocupação sobre o embaralhamento das fronteiras, além de nos introduzir a ideia de um mundo construído por meio de diversas redes entrelaçadas. Kunzru destaca que essas redes híbridas (orgânicas e artificiais) são os ciborgues e eles não se limitam a estar à nossa volta – eles nos incorporam em um círculo onde estamos nos construindo, da mesma forma que construímos circuitos integrados ou sistemas políticos. Contudo, isso só é possível na lógica ciborgue uma vez que ele representa o não natural e, assim, possível de reconstrução.

A perspectiva ciborguiana, de fato, não é uma ótica fácil de ser digerida e diversos materiais são produzidos buscando aprofundar e esmiuçar a quantidade de informações contidas neste ensaio. Contudo, a entrevista realizada por Kunzru é um dos textos em que conseguimos ter base para entender e interpretar pontos específicos, e muito caros, para o que Haraway vem a chamar de o mito do ciborgue. Entretanto, assim como o prefácio de Tadeu, ‘peca’ ao não trazer uma visão do feminismo de Haraway, o que pode estar

atrelado à organização do livro que não necessariamente tinha como intenção abordar esse aspecto.

Além de bióloga e professora de História da Consciência, Donna é feminista e seus trabalhos influenciaram os chamados Estudos Culturais e Estudos de Mulheres, como a Teoria Literária e Filosofia. Em ‘Manifesto Ciborgue’, terceiro texto do livro, Haraway traz o mito do ciborgue como um pensamento essencial para a sobrevivência das populações à margem como as mulheres, principalmente mulheres negras. Nele ela faz diversas críticas ao feminismo marxista e radical, principalmente a sua busca pela totalidade, o que acaba gerando um grande silêncio entre as radicais brancas e as socialistas sobre a questão da raça.

Pode se dizer que a explosão de cabeças e, conseqüentemente o sucesso de Donna entre feministas, é, entre outros pontos, a busca por abrir nossos olhos para a não necessidade de uma linguagem comum e o reconhecimento da inexistência de uma linguagem perfeitamente verdadeira, mas sim composta por diversas fusões de conhecimento e, principalmente, ruídos.

“O amanhã jamais igualará o ontem; nada, exceto o mutável, pode perdurar”, esta não é uma frase da Haraway, ela integra o livro Frankenstein de Mary Shelley, mas poderia resumir mais alguns pontos que esse terceiro texto nos propõe. No entanto, diferentemente das esperanças do monstro de Frankenstein, o ciborgue não espera que seu ‘Pai’ (Deus) vá salvá-lo por meio da restauração do Paraíso. Aqui temos um outro ponto de vista até então não abordado pelos outros autores: o de que o ciborgue não tem laços com a história de introdução, ele não (re)conhece um Jardim do Éden. E é nesse sentido que há a esperança de que ele possa, assim como subverte o início, subverter o apocalipse do retorno ao pó nuclear.

A tradução do manifesto, mesmo que revista por Tadeu, ainda é difícil de se assimilar, mas isso é um reflexo da própria perspectiva ciborguiana que Donna Haraway chama de escrita-ciborgue. Essa escrita não parte da ideia do “era-uma-vez”, mas se posiciona como uma luta pela linguagem, contra a comunicação perfeita e contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita. Referindo-se ao poder de sobreviver. Nesse sentido, essa escrita busca recontar histórias de origem, subvertendo mitos centrais da cosmogênese da cultura ocidental, com o intuito de recodificar/hackear, a comunicação e a inteligência a fim de subverter o comando e o controle. “Isso não é apenas uma desconstrução literária, mas uma transformação limiar” (TADEU, 2009, p. 89).

O livro consegue desenrolar essa complexidade? Não, nem pretende. A publicação dá condições iniciais para se pensar pontos importantes da discussão sobre o mito do ciborgue, mas busca também deixar o leitor desbravar essa perspectiva tão singular e social. Além de fazer convites ao leitor em buscar esse conhecimento. Tanto nos textos introdutórios, quanto no próprio ensaio da Haraway, assumem essa dificuldade em assimilar o mito do ciborgue, mas mostram que ele está muito mais perto do que imaginamos, não é algo distante, mas atual e presente na nossa vida.

Hari Kunzru volta para fechar o livro com o texto “Genealogia do ciborgue” e se propõe a ser um ponto de vista diferente, focando principalmente em temas como mudança corporal e ciborgue como poder bélico. Se antes víamos um ângulo otimista, apesar de cético, nesse ensaio temos uma visão muito mais tecnocêntrica, inclusive da comunicação ciborgue. Por exemplo, Kunzru conta que o entendimento era de que se quisesse construir um corpo melhor, tudo que se tinha a fazer era melhorar os mecanismos de *feedback* (resposta) ou conectar um outro sistema – um coração artificial, um olho biônico.

Ele, ainda, faz um comparativo desse sistema de redes com um outro, a Internet. Ambos os entendimentos surgiram durante a guerra fria. Assim, apesar do excesso de foco na

tecnologia, o ensaio é um bom panorama histórico para nos lembrar de onde o ciborgue vem e entender que suas fronteiras também são embaçadas nessa esfera.

A publicação termina assim deixando muito mais dúvidas do que certezas. Diferente de um guia de edição, um manual de escrita, o livro busca muito mais nos fazer pensar e reavaliar a forma como lidamos com esse hibridismo que nos forma, colocando em destaque as múltiplas visões que temos, que somos. Proporcionando, assim, uma saída do nosso lugar comum, do que interpretamos como ‘natural’ na sociedade, nos convidando a olhar para essas diferentes realidades, esse amontoado de redes (on-line e off-line), que nos rodeia cada vez mais. Nesse sentido, concordamos com Haraway, e de alguma forma com Elon Musk, que adotá-las e, mais que isso, saber hackeá-las, é a coisa mais sensata que podemos fazer.